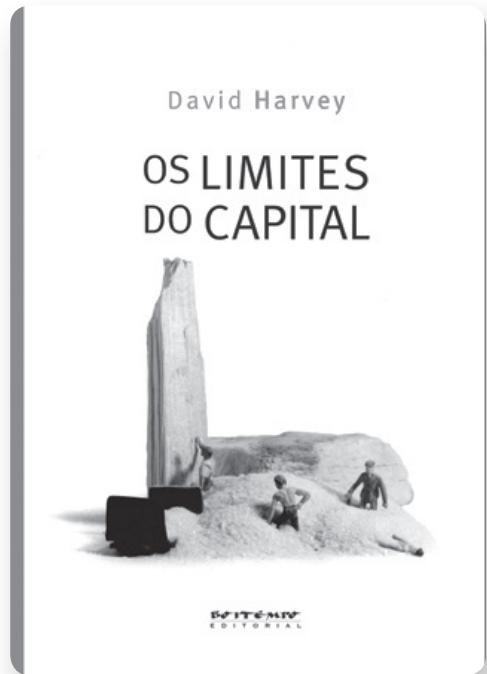


Revista
PRAIAVERMELHA
Estudos de Política e Teoria Social

v. 23 n. 2
Julho/Dezembro 2013
Rio de Janeiro
ISSN 1414-9184

Revista Praia Vermelha	Rio de Janeiro	v. 23	n. 2	p. 321-624	Jul/Dez 2013
------------------------	----------------	-------	------	------------	--------------

RESENHA



Os limites do Capital

David Harvey

(tradução de Magda Lopes)

Boitempo, 2013.

1ª edição

Os limites do capital é a designação atribuída por Harvey ao atual estágio da humanidade, no qual o capital chegou a aventar a hipótese da “desvalorização total” em referência a ameaça real e permanente de uma “guerra nuclear” que apagaria todo e qualquer vestígio de humanidade. Para o autor buscar formas “para transcender os limites do próprio capital” se revela como a única possibilidade de sobrevivência planetária (Harvey, 2013: 567).

O principal objetivo da obra é desvendar a “essência da formação da crise dentro da geografia de desenvolvimento desigual”, enquanto fase recorrente de desvalorização e destruição de excedentes que não conseguem ser lucrativamente absorvidos (idem: 537). Um processo investigativo, no qual o autor, alicerçado na obra marxiana, principalmente *O Capital e Grundrisse*, enfrenta a crise dos anos 1970 na busca de estratégias políticas de longo prazo para superar a autodestruição violenta do capital e criar formas de construção de um estado superior de produção social (idem: 33).

Os escritos que compõem *Os limites do Capital* são datados no processo ascendente, mas ainda não consolidado, da “contra reforma neoliberal”, embora na edição brasileira o livro já conste com a introdução do autor à edição inglesa de 2006, contendo uma abordagem temporal e espacial mais abrangente e mais explicativa sobre os impactos da crise de 1970 nas décadas posteriores e as estratégias políticas do neoliberalismo em escala mundial.

O interesse imediato de Harvey para entender os processos urbanos levaram-no a buscar na teoria política marxiana algumas categorias explicativas, assim como a tentar expandir outras não plenamente desenvolvidas por Marx: o capital fixo incorporado nos ambientes construídos, as relações entre gastos estatais e espaço, as finanças, o crédito, a renda. Porém, como diz o próprio autor, é impossível preencher as “caixas vazias” da teoria marxista sem fazer um percurso pela totalidade da obra e pelos

diálogos abertos por outros autores e outras escolas de pensamento. Dessa forma, Harvey se debruça numa releitura do *Capital* acompanhando o raciocínio argumentativo da teoria marxiana, na contradição interna e externa de cada categoria entre a singularidade e totalidade social.

Harvey escolhe um percurso de sistematização da sua obra, dividindo didática e analiticamente o texto em “três recortes” da teoria da crise: no primeiro deles (capítulos 1 a 7), o autor sintetiza e analisa a argumentação de Marx até a “teoria da taxa de lucro decrescente”, percurso também traçado por outros autores com os quais Harvey dialoga; no capítulo 8, o autor especula, seguindo a mesma linha de raciocínio, sobre novas formas de circulação do capital voltadas para usos futuros e o papel do crédito na regulação do fluxo do capital (capítulos 9 e 10), base sobre a qual se assenta o “segundo recorte” na teoria da crise extraíndo a contradição entre o sistema financeiro e sua base monetária; finalmente, no “terceiro recorte” o autor se debruça sobre os aspectos espaciais na formação das crises, os capítulos 11, 12 e 13 tratam, respectivamente, da dinâmica espacial e temporal da distribuição, da mobilidade geográfica do capital e da crise na dinâmica espacial do capitalismo. Este “terceiro recorte” é uma relevante contribuição à compreensão do “ajuste espacial” necessário à superação das contradições internas do capital para sustentar a lucratividade através da expansão geográfica e do desenvolvimento geográfico desigual.

Para um leitor interessado na dinâmica espacial do capitalismo os últimos três capítulos do livro oferecem o aprofundamento teórico e a articulação necessária para a compreensão de categorias centrais para a apreensão dos fenômenos localizados e ao mesmo tempo organicamente vinculados com a fluidez do capitalismo contemporâneo. A teoria da renda, desenvolvida no capítulo 11, é um avanço significativo a respeito do tratamento deste elemento fundante do problema da organização espacial. Articula a teoria do valor aos diferentes tipos de renda e, numa perspectiva histórica, analisa o papel contraditório da renda fundiária nos diferentes estágios do modo de produção, para finalmente explicar a relação entre mercado fundiário e capital fictício permitindo visualizar os processos contemporâneos de especulação com a terra. Os capítulos 12 e 13, produção das configurações espaciais e crise na economia espacial do capitalismo, demonstram a teoria da formação das crises. O autor expõe argumentos que demonstram como os meios para a destruição do espaço pelo tempo são essenciais às novas dinâmicas da acumulação, assim como os processos de regionali-

zação da circulação do capital acontecem *par i passu* à regionalização do conflito de classes revelando a competição e a troca desigual entre regiões, contraditoriamente à homogeneidade preconizada pela lei do valor (idem: 555). Dessa forma, a produção geográfica de mais-valor se diferencia da distribuição geográfica, assim como diferem a produção e a distribuição social. A crise é então inevitável, pois “não há ‘ajuste espacial’ que possa conter a longo prazo as contradições do capital” (idem: 556).

Harvey traça com firmeza os processos que levaram a ascensão da agenda neoliberal como forma de enfrentamento à crise global de acumulação que atingiu com efeitos diversos, embora generalizados, continentes e países ao redor do mundo, ao mesmo tempo em que grupos políticos à esquerda insurgiam e desafiavam o poder hegemônico de classe exercido pelos capitalistas. O enfrentamento à crise e às disputas pelo poder de classe encontrou na liberalização dos mercados e na desregulamentação da economia, a fórmula que permitiria retomar o crescimento e alçar o setor financeiro, com suas estratégias de globalização, ao poder político e ao comando econômico.

A consequência desastrosa foi, e continua sendo, um mundo mais dividido e mais desigual, onde a concentração de poder e riquezas em poucas mãos contrasta com a miséria generalizada, processo denominado por Harvey de “dispersão geográfica desigual”.

David Harvey dedica uma atenção particular a essas formas de “restauração e reconstituição” do poder de classe que generalizaram a pobreza, a miséria e a exploração bárbara do trabalho, ao mesmo tempo em que concentram cada vez mais riqueza e poder. O autor levanta a questão de que não houve, e ainda não há, um enfrentamento contundente a essa restauração capitalista. O contraponto a essa avassaladora reestruturação capitalista tem sido visível em várias manifestações ao redor do mundo, porém, parece não haver acordo a respeito do ideal futuro de humanidade, “outro mundo é possível” reza o slogan do fórum social mundial, mas não sabemos que mundo é esse. Dificuldades em parte ideológicas, aponta Harvey.

Uma obra teoricamente relevante para desvendar formas de enfrentamento às múltiplas estratégias do capitalismo neoliberal. Trata-se da retomada do método crítico e da economia política marxiana para compreender e enfrentar o neoliberalismo em ascensão, sustentando-se em que “o aparato crítico de Marx é muito mais aplicável ao neoliberalismo do

que foi ao ‘liberalismo incorporado’ e ao keynesianismo que dominaram o mundo capitalista avançado até meados da década de 1970” (idem: 12).

Como o próprio autor afirma “os limites do capital” é um livro, provavelmente o único, que proporciona uma articulação sistemática entre a teoria da acumulação capitalista marxiana e os efeitos globais e locais das mudanças “gerais e dramáticas” que vem se sucedendo no mundo capitalista globalizado, liderado pelas finanças a partir da década de 1970.

* por Gabriela Lema Icasuriaga (ESS/UFRJ).

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

REITOR

Carlos Antônio Levi da Conceição
PRÓ-REITORA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Débora Foguel

**ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
DIRETORA**

Mavi Pacheco Rodrigues

VICE-DIRETOR

Marcelo Braz

**DIRETORA ADJUNTA
DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Rosana Morgado

EDITORES

José María Gómez (ESS - UFRJ)

José Paulo Netto (ESS - UFRJ)

Maria de Fátima Cabral Marques Gomes
(ESS - UFRJ)

Myriam Lins de Barros (ESS - UFRJ)

COMISSÃO EDITORIAL

Luis Eduardo Acosta Acosta (ESS-UFRJ)

Rogério Lustosa Bastos (ESS-UFRJ)

CONSELHO EDITORIAL

Alcina Maria de Castro Martins (ISMT, Coimbra-Portugal), Ana Elizabete Mota (UFPE-PE), Antonia Jesuíta de Lima (UFPI-PI), Berenice Couto (PUC-RS), Casimiro Balsa (CESNOVA/UNL-Portugal), Cibele Rizeck (USP-SP), Cleusa dos Santos (UFRJ-RJ), Consuelo Quiroga (PUC-MG), Denise Bomtempo Birche de Carvalho (UNB-DF), Edésio Fernandes (University College London - Inglaterra), Elizete Menegat (UFJF-MG), Helena Hirata (GEDISST-GNRS-França), Ivete Simionatto (UFSC-SC), José Fernando Siqueira da Silva (UNESP-SP), Júlio de Assis Simões (USP-SP), Leilah Landim (UFRJ-RJ), Liliane Capilé Charbel Novaes (UFMT-MT), Marcelo Badaró (UFF-RJ), Margarita Rosas (Universidad de La Plata-Argentina), Maria Carmelita Yasbeck (PUC-SP), Maria da Ozanira Silva e Silva (UFMA-MA), Maria das Dores Campos Machado (UFRJ-RJ), Maria Liduína de

Oliveira e Silva (UNIFESP-SP), Maria Lúcia Carvalho Silva (PUC-SP), Maria Lucia Martinelli (PUC-SP), Maria Lúcia Weneck Vianna (UFRJ-RJ), Michael Lowy (EHESP-França), Monica Dimartino (Universidad de La Republica de Uruguay-Uruguai), Neli Aparecida de Mello (USP-SP), Potyara Amazoneida Pereira (UnB-DF), Ricardo Antunes (UNICAMP-SP), Rogério Lustosa Bastos (UFRJ-RJ), Salviana Pastor Santos Sousa (UFMA-MA), Sérgio Adorno (USP-SP), Sueli Bulhões da Silva (PUC-RJ), Sulamit Ramon (London School of Economics-Inglaterra), Valéria Forti (UERJ-RJ), Vera da Silva Telles (USP-SP), Vera Lúcia Gomes (UFPA-PA), Vicente de Paula Faleiros (UnB-DF).

ASSESSORIA TÉCNICA

Fábio Marinho

Márcia Rocha

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Márcia Rocha

REVISÃO

Maria de Fátima Migliari

PESQUISA DE IMAGENS

Márcia Rocha

**DESIGN EDITORIAL
E DIAGRAMAÇÃO**

Fábio Marinho

WEB DESIGN

Fábio Marinho

Escola de Serviço Social - UFRJ
Av. Pasteur, 250/fundos (Praia Vermelha)
CEP 22.290-240 Rio de Janeiro - RJ
(21) 3873-5386
praiavermelha.ess.ufrj.br

Foto de Capa: Manfred Brückels